

KIERKEGAARD, H. C. ANDERSEN E O SURGIMENTO DO NIILISMO NA DINAMARCA DA ÉPOCA DE OURO

Gabriel Guedes Rossatti¹

Resumo: A obra de Kierkegaard (1813-1855) teve início, descontados alguns artigos de jornal publicados a partir de meados da década de 1830, com uma recensão literária acerca de um romance de um contemporâneo seu que viria a ganhar fama internacional ainda em vida, a saber, o escritor Hans Christian Andersen (1805-1875). Não obstante, argumento que o que deveria ser uma obra fundamentalmente literária acaba por esconder uma vigorosa antecipação do problema que iria interessar Kierkegaard ao longo de toda a sua produção, a saber, o problema do niilismo. Neste sentido, estruturei minha leitura dessa recensão, intitulada *Dos Papéis de Alguém Ainda Vivo*, a partir do romance originalmente recenseado por Kierkegaard, a saber, *Apenas um tocador*, para então explorar as verdadeiras conotações das críticas de Kierkegaard ao seu contemporâneo, no que chego, portanto, ao problema do surgimento do niilismo na Dinamarca de meados da década de 1830.

Palavras-chave: niilismo – juventude – modernidade.

I. H. C. Andersen como membro da mais nova geração

A década de 1830, na qual Kierkegaard surgiu enquanto intelectual, foi profundamente marcada pela assunção do valor da *juventude*.² Isto, com efeito, pode ser medido pelo aparecimento de um movimento estético de profundas implicações para a história da arte, e mais especificamente da literatura, denominado de *Jovem-França* (*Les Jeunes-France*), o qual se configurava como um grupo de jovens artistas, predominantemente poetas, pintores e escultores composto nos primeiros anos da década de 1830 fundamentalmente por Pétrus Borel (1809-1859), Philothée O’Neddy (1811-1875) e Théophile Gautier (1811-1872). E ainda que sua duração tenha sido bastante efêmera, tendo durado somente de 1830 a 1833, o fato mais profundo é o de que as raízes lançadas por tal grupo mostrar-se-iam fundamentais para a geração chamada de ‘pós-

¹ Graduado em Filosofia pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP) e em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), Mestre em Filosofia pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS-RS) e Doutor pelo Programa Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) – Brasil. E-mail: jjrossatti@yahoo.com

² Como se pode ver particularmente em romances de Balzac (1799-1850) e de Stendhal (1783-1842) produzidos a partir da revolução de 1830; neste sentido, ver BARBÉRIS, *Balzac, une mythologie réaliste*, p. 109-114.

romântica’, mais especificamente através de Baudelaire³ (1821-1867) e Flaubert (1821-1880), e isto em boa medida por causa do espírito, ou como o explicita Paul Bénichou, dos “[...] temas Jovem-França [...] frenesi das paixões, atração pelo nada, revolta, ódio ao burguês, culto da arte, divinização do poeta”⁴. Em outros termos, foi através da *geração Jovem-França* que a desmesura, este outro nome para o *niilismo*,⁵ se colocou de maneira incontornável no panorama literário francês.

Acontece, porém, que sua influência ultrapassaria os limites da própria França. De fato, na Alemanha surgiria um movimento análogo que ganharia o nome de *jovem Alemanha* (*Das Junge Deutschland*), o qual, capitaneado por figuras como Ludwig Börne (1786-1837) e Heinrich Heine (1797-1856), tinha como inspiração os últimos desenvolvimentos franceses tanto nas letras quanto na política. Neste sentido, o movimento da *jovem Alemanha* pode ser sucintamente descrito como a expressão literária, fundamentalmente em prosa, do ‘espírito do tempo’, isto é, o espírito liberado a partir da revolução de julho de 1830 na França, o qual urgia os jovens autores a exigirem maior liberdade, primordialmente em seus aspectos político, moral e religioso.⁶ Tratava-se, pois, tanto em um caso quanto em outro do desenvolvimento de ideias estético-políticas de vanguarda nesses contextos, as quais logo espalhar-se-iam por outras terras para além dessas mencionadas.⁷

Conseqüentemente, a Dinamarca também viria a sentir os primeiros sinais das ideias progressistas que vinham a fazer prosélitos entre as juventudes da França e da Alemanha. E ainda que, por um lado, não se possa falar de um movimento propriamente denominado ‘jovem Dinamarca’, já que tal denominação não foi utilizada por tais terras, por outro a *dinâmica* de tal movimento mais amplo fez sentir seus efeitos de maneira bastante clara no panorama literário dinamarquês, e isto particularmente através de um ciclo de romances do até então poeta, dramaturgo e, obviamente, romancista Hans Christian Andersen (1805-1875), o qual viria a se consolidar a partir de finais da década de 1830 como o mais bem-sucedido escritor contemporâneo dinamarquês. Curiosamente, porém, antes de se consagrar como um dos contistas infantis por excelência, no que alcançaria reputação internacional, e isto ainda em vida, Andersen pode ser considerado,

³ Como se sabe, Baudelaire viria a publicar em 1857 uma obra intitulada *As flores do Mal*, dedicada, não por acaso, “[a]o poeta impecável [...] mestre e amigo Théophile Gautier [...]” (BAUDELAIRE, “Les Fleurs du Mal”, p. 3). Todas as traduções são de minha responsabilidade, salvo as exceções devidamente mencionadas nas referências bibliográficas.

⁴ BÉNICHOU, *Romantismes français*, t.1, p. 403.

⁵ Ver MATTÉI, *Le Sens de la Démesure*, passim.

⁶ HERMAND, “Nachwort”, p. 370.

⁷ Vale mencionar que na década seguinte seria criado nos Estados Unidos da América o movimento também estético denominado de ‘Jovem América’ (*Young America*), o qual, ainda que afastado do byronismo de seus modelos europeus, viria a promover a renovação das letras nessas terras, isto muito por causa de um de seus membros, a saber, o poeta Walt Whitman (1819-1892); ver ERKKILA, *Whitman the Political Poet*, p. 30, 74.

como Kierkegaard o faria em 1838, como tendo passado por uma fase, por assim dizer, niilista, isto particularmente através da publicação em 1837 de seu terceiro romance, intitulado *Apenas um tocador* (*Kun en Spillemand*).⁸

Nessa obra, pois, Andersen se propôs a retratar o crescimento, compreendido como indo do que poderia ser descrito como infância tardia, passando pela adolescência até se chegar à primeira fase adulta de dois personagens, a saber, Christian, o protagonista da história, não apenas homônimo de seu autor, senão em boa medida uma espécie de *alter ego* do mesmo, e Naomi, ambos, e aqui está o cerne da questão, verdadeiros *párias*, ou seja, verdadeiras exceções, isto porque Christian é um músico, um artista, portanto, e, mais do que isto, um *jovem* artista e, neste sentido, duplamente o oposto do ‘burguês’, enquanto que Naomi é uma *jovem judia*. De modo que, desde seu ponto de partida, *Apenas um tocador* se coloca como um romance da marginalidade.

Mais do que isso, tal obra se coloca de antemão como algo entre um romance autobiográfico e uma obra de crítica social, sendo, conseqüentemente, na falta de uma melhor acepção, um *Bildungsroman realista*.⁹ Com efeito, seu enredo é estruturado, do ponto de vista temporal, entre 1813 e 1832, indo, pois, desde as guerras napoleônicas, as quais, tal qual na história real de seu autor,¹⁰ privam o personagem Christian de seu pai,¹¹ até o período de liberalização incipiente alavancado pela revolução de Julho de 1830 na França; do ponto de vista espacial, a obra pode ser analisada a partir do eixo campo-cidade, dado que Christian vai do interior, Odense, à capital Copenhague, sem falar na capital por excelência do século XIX, ou seja, Paris, para onde ele iria após seus fracassos na capital anterior, isto por causa de seu sonho de se tornar um grande artista. Assim, o romance mostra como Christian, “[...] filho da miséria [...]”¹², mesmo possuindo o dom da arte ou mais especificamente um talento natural para o violão, não obstante, não consegue atualizar sua potencialidade artística, precisamente porque ao longo de sua história, ele, diferentemente de seu autor, não vem a ser bem-sucedido em termos de sua ascensão social. Em linhas sumaríssimas é este, pois, o enredo básico do romance.

De maneira que, se no início do romance seu autor já colocava as seguintes alternativas em relação ao seu personagem, a saber, “[e]le será ou um artista excepcional ou um miserável ser

⁸ ANDERSEN, “Rien qu’un violoneux [Kun en Spillemand]”, p. 447-724.

⁹ Neste sentido, ver MYLIUS, “Offenbare und unsichtbare Schrift in Sören Kierkegaards Aus eines noch Lebenden Papieren”, p. 24-25.

¹⁰ Cf. ANDERSEN, “Biographie (1805-1831)”, p. 12.

¹¹ No romance, o pai de Christian, tal qual o pai verídico do autor, um artesão que vendera sua liberdade em troca de dinheiro, vai também à guerra; diferentemente do original, porém, o pai no romance supostamente morre nas guerras napoleônicas, apenas para reaparecer mais tarde, ainda que rapidamente.

¹² ANDERSEN, “Rien qu’un violoneux”, p. 486.

desgarrado [...]”¹³, sua ‘moral’, por assim dizer, será negativa, já que nessa obra é abordada precisamente a relação entre um promissor talento individual e seu meio social, o que, por sua vez, faz desse mesmo romance uma obra seja de análise, seja de crítica propriamente dita *social*. Isto porque o tema que de fato perpassa a obra acaba sendo precisamente o tema da situação do artista no seio das sociedades democrático-capitalistas.¹⁴ Assim, *Apenas um tocador* se coloca, sobretudo, como um romance da *alienação*, uma vez que Christian não logra encontrar seu espaço como artista nesse tipo de sociedade.

É, neste sentido, portanto, que Andersen descreve a situação de seu personagem nos seguintes termos, os quais, aliás, seriam particularmente criticados por Kierkegaard, como será visto logo a seguir:

[o] gênio, nele, havia sido vivificado pela música, ele aspirava a um tipo de materialização. Ele pressentia a pérola em sua alma, a santa pérola da arte. Ele não sabia que, tal qual a pérola no mar, que deve ou esperar o mergulhador que a leve à luz ou se prender ao mole ou à ostra, [ele devia esperar por] um alto patronato para chegar, de tal forma, à contemplação. [...] O gênio é um ovo que tem necessidade de calor, da fecundação do acaso, senão é um ovo estéril.¹⁵

Não obstante tais votos, Christian simplesmente não conseguia encontrar um mecenas que pudesse lhe dar o apoio necessário para que a arte que ele trazia dentro de si desabrochasse. Assim, após sua peregrinação por cidades como Copenhague e Paris, ele retorna para sua cidade natal, Odense, já desencantado, tendo apenas “[a] Bíblia, seu violão e a cegonha [...] [como] amigos”.¹⁶ E assim ele morre, ou como diz o narrador na última sentença do romance, “[e]ra um pobre homem que era enterrado. *Apenas um tocador!*”¹⁷

Contudo, mais interessante do que o insuportavelmente insípido personagem Christian, protagonista do romance, é sua amiga de infância, a judia Naomi, já que ela representa, ainda mais do que Christian, o ‘espírito do tempo’ no romance. De fato, Naomi se caracteriza, já mulher, por se vestir em certas ocasiões, tal qual a escritora de pseudônimo masculino George Sand (1804-1876), como homem, e para quem ser “[...] infeliz [...] é bem

¹³ ANDERSEN, “Rien qu’un violoneux”, p. 485.

¹⁴ Neste sentido, ver BOURDIEU, *Les règles de l’art: genèse et structure du champ littéraire*, p. 78. Quanto ao fato de que Bourdieu pense ali no caso francês me é indiferente, dado que os fatores são praticamente os mesmos em relação à sociedade dinamarquesa de então.

¹⁵ ANDERSEN, “Rien qu’un violoneux”, pp. 546-547.

¹⁶ ANDERSEN, “Rien qu’un violoneux”, p. 720.

¹⁷ ANDERSEN, “Rien qu’un violoneux”, p. 724.

mais interessante do que ser uma pessoa banal e feliz”.¹⁸ Naomi, pois, é a burguesa anti-burguesa, ou seja, a boêmia, a mulher com alma de artista, ainda que o artista efetivamente na história fosse sua contrapartida, ou seja, Christian; Naomi é, em suma, uma *niilista*, isto é, uma mulher ambiciosa, impulsiva, excessiva, enérgica, em uma palavra, *desmesurada*, que viaja por grandes cidades européias como Roma, Viena e Paris atrás da satisfação de seus impulsos mais loucos. De maneira que se pode dizer que é particularmente através dela que Andersen desenvolve tanto parte de sua crítica social, mais especificamente a respeito dos modos do clero dinamarquês, quanto sua compreensão do fenômeno do niilismo.

De fato, uma passagem do romance deixa isto muito claro, a saber, quando Naomi é descrita por Andersen nos seguintes termos:

[e]nquanto que, em geral, junto à juventude, a imaginação transforma todo mito em realidade, começava nela a volatilização straussiana que dissolve todo fenômeno histórico em mitos. Elaborava-se nela uma concepção das coisas da religião tal qual ela começa, em nosso tempo, a se exprimir junto a alguns indivíduos da Alemanha, um tipo de pensamento livre. [...] O que o anjo do Senhor havia profetizado a Hagar sobre o filho que ele lançaria ao mundo parecia repousar sobre Naomi tanto quanto sobre Ismael: ‘Ele será um homem selvagem; sua mão será contra todos, e todos serão contra ele!’¹⁹

Ora, o que a passagem quer dizer é que Naomi era uma *niilista*, uma negadora dos dogmas cristãos, ou melhor, uma *livre-pensadora*, como fica claro em outra passagem, na qual Andersen explicita uma vez mais sua ideologia, a qual “[...] do ponto de vista religioso [...] não era nem ascética nem helênica; ela era, sobretudo, uma partidária precursora da ‘jovem Alemanha’ ”.²⁰ Daí, pois, que o pastor Patermann, com quem ela fôra obrigada a ter aulas de religião a certa altura do romance, achasse que ela fosse “[...] um João Batista mulher [...]”,²¹ ou mesmo “[...] um Anticristo em matéria de fé [...]”.²²

¹⁸ ANDERSEN, “Rien qu’un violoneux”, p. 605.

¹⁹ ANDERSEN, “Rien qu’un violoneux”, p. 619-620. Vale precisar que tal ‘volatilização straussiana’ se refere à obra do teólogo alemão David Friedrich Strauss (1808-1874) intitulada *A Vida de Jesus, Criticamente Analisada* [*Das Leben Jesu, kritisch bearbeitet*], publicada em 1835 e na qual ele se dispunha a analisar se a vida de Jesus seria mito ou história; sobre tal obra e, mais particularmente, sua relação para com o movimento da ‘Jovem Alemanha’, ver particularmente MASSEY, *Christ Unmasked: The meaning of the Life of Jesus in German Politics*, passim.

²⁰ ANDERSEN, “Rien qu’un violoneux”, p. 626.

²¹ ANDERSEN, “Rien qu’un violoneux”, p. 626.

²² ANDERSEN, “Rien qu’un violoneux”, p. 619.

Assim, tais são sumariamente os perfis dos personagens centrais do romance que daria origem ao primeiro livro publicado por Kierkegaard, a saber, a resenha literária de *Apenas um tocador* que ganharia o título de *Dos papéis de alguém ainda vivo, publicado contra sua vontade por S. Kjerkegaard*.²³ É para essa obra que me volto agora.

II. Kierkegaard e o problema da ‘mais nova geração’

Ali, pois, o problema central é mesmo o surgimento, assim como a assimilação, das ‘ideias modernas’ entre os membros de sua geração; conseqüentemente, trata-se, ainda que postulado de maneira ex-cêntrica, do surgimento do fenômeno do *niilismo*²⁴ e, conseqüentemente, da repentina *chegada da modernidade* na Dinamarca. Neste sentido, Kierkegaard deu início à sua produção ‘oficial’ precisamente com uma obra de crítica sócio-cultural, já que discute o estado das coisas a partir do âmbito da cultura, o que, por sua vez, implica dizer que o niilismo, originalmente um fenômeno surgido no âmbito da teologia, já se encontrava diluído, por assim dizer, e conseqüentemente presente no âmbito mais geral das ideias.

No que diz respeito à organização de sua resenha vale precisar que Kierkegaard, como que conscientemente estabelecendo ligações com a querela dos antigos e dos modernos, decide estruturar sua argumentação a partir de um par de conceitos opostos, a saber, *a mais nova geração* [*den yngre Generation*] em oposição a *mais velha geração* [*den ældre Generation*]. Neste sentido, sua resenha desenvolve polemicamente uma leitura panorâmica dos experimentos, particularmente literários, desses dois ‘partidos’, considerando mais especificamente H. C. Andersen como síntese do que Kierkegaard chama de *o mais novo desenvolvimento* (como um todo) [*den hele nyere Udvikling*].

Outro pressuposto da resenha, e aqui vale também explicitar que somente se compreende tal escrito à luz de três acontecimentos relativamente recentes no momento em que Kierkegaard o produzia, é aquele estabelecido a partir das mortes de Hegel (em 1831), de Goethe (em 1832) e do querido professor e mentor de Kierkegaard Poul Martin Møller (em 1838), de maneira que é exatamente a partir da presença negativa destes *grandes homens* que se configura o mapa literário-ideal estabelecido por Kierkegaard em sua resenha. Contudo, em comparação a Hegel, claramente denominado na resenha algumas vezes, as presenças realmente importantes nesse escrito são precisamente as de Goethe, o verdadeiro herói dos

²³ KIERKEGAARD, “Af en endnu levendes Papirer”, p. 7-57. Vale, por sua vez, precisar que o sobrenome Kierkegaard não possuía então uma grafia inequívoca; neste sentido; ver GARFF, *Soren Kierkegaard: a biography*, p. 3.

²⁴ Por *niilismo* compreendo, junto de M. A. Gillespie, “[...] o resultado de [...] uma corrente moderna de pensamento [...] que vê o homem [*man*] não como um ser limitado e imperfeito [...], mas como um ser sobre-humano que pode criar o mundo de novo através da aplicação de sua vontade infinita” (GILLESPIE, *Nililism before Nietzsche*, p. xxiii).

escritos primeiros de Kierkegaard,²⁵ assim como o goetheano Møller, o qual supostamente teria transmitido a seu pupilo tal tipo de devoção. Assim, a resenha de 1838 publicada por Kierkegaard se coloca de antemão como uma discussão normativa acerca dos caminhos a serem tomados (então) pelos jovens escritores dinamarqueses, sendo, conseqüentemente, Hans Christian Andersen tomado como sinal paradigmático dos equívocos cometidos no plano literário-cultural pela nova geração.

Ainda no âmbito estrutural, outra característica marcante de tal texto é a tentativa da parte de Kierkegaard de agarrar a dinâmica propriamente dita *moderna* do tempo em sua última exposição ou em seu último momento de vir-a-ser, o que ele explicita através da expressão *o mais novo desenvolvimento*, expressão esta que, por sua vez, representa o então inexistente conceito de *modernidade*.²⁶ Pois não é por acaso que a discussão propriamente dita da obra tem início literalmente com as seguintes palavras:

[h]á no mais novo desenvolvimento como um todo [*den hele nyere Udvikling*] uma grande tendência para – longe de se lembrar com gratidão as lutas e dificuldades que o mundo atravessou para ser o que é -, na medida do possível, esquecer os resultados que através do suor de seu rosto [ele, o mundo] conquistou [...].²⁷

A partir destas poucas palavras fica claro, portanto, que a discussão tem início com uma filosofia da história, de acordo com a qual tal ‘mais novo desenvolvimento’, até então inominado ou não explicitado, teria como característica fosse a tendência de “[...] convencer a si mesmo a respeito de sua efetividade [*Virksomhed*] e de seu significado [...]”,²⁸ fosse a tendência, decorrente desta primeira, de “[...] fazer de si mesmo o ponto de partida próprio

²⁵ FENGER, Henning. *Kierkegaard, the myths and their origins*, pp. 81-88.

²⁶ Pois de acordo com Koselleck, “[e]ssa distinção entre ‘novo tempo’, ou ‘tempo moderno’ [*neue Zeit*], e ‘tempo contemporâneo’ [*neueste Zeit*] entrava agora [após a Revolução Francesa] em fase de crescente reflexão sobre o tempo histórico. A rápida adoção do conceito de tempo contemporâneo tem que ser interpretada como um indicador da acelerada mudança da experiência histórica e da rapidez de sua elaboração pela consciência. Para exprimir de maneira enfática suas próprias experiências como verdadeiramente novas havia muitas outras expressões à disposição, expressões que conseguiram se impor nos decênios em torno de 1800, ou às quais estavam associados novos sentidos: revolução, progresso, desenvolvimento, crise, espírito do tempo – expressões que continham indicações temporais que, antes, nunca haviam existido dessa maneira”. KOSELLECK, “Modernidade: sobre a semântica dos conceitos de movimento na modernidade”, p. 282. Ver mais especificamente ROSSATTI, *O conceito de modernidade nos escritos primeiros de Kierkegaard: uma análise semântico-conceitual*, passim.

²⁷ KIERKEGAARD, “Af en endnu levendes Papirer”, p. 17.

²⁸ KIERKEGAARD, “Af en endnu levendes Papirer”, p. 17.

para a história mundial [*Verdenshistorien*] [...]”²⁹ Nos dois casos Kierkegaard se refere à atitude moderna de fazer de um determinado período histórico seu próprio fundamento, no que então o ‘mais novo desenvolvimento’ colocar-se-ia de antemão como o mais típico produto da ideologia moderna do progresso.

E, em verdade, tal parece ser o caso, já que logo adiante aparece, ligado ao ‘mais novo desenvolvimento’, o nome de Hegel, no que se considera seu “[...] grande experimento [*Forsøg*] ao começar com [o] nada [...]”³⁰ De fato, Kierkegaard reconhece que tal experimento deve, enquanto uma das formas mais *respeitáveis*³¹ do ‘mais novo desenvolvimento’,

[...] se impor diante de nós tanto quanto nos alegrar; se impor diante de nós em consideração à força moral através da qual a ideia é concebida, [assim como] da energia inteligente e [da] virtuosidade através das quais ele [o experimento] é levado a cabo; [e] nos alegrar já que a negação como um todo [*den hele Nægten*] é apenas um movimento dentro dos limites próprios do sistema [...].³²

Não obstante tais considerações, o intuito de Kierkegaard nestas linhas introdutórias de sua resenha é o de simplesmente apontar a tendência mais profunda da época, a qual ele reconhece como aquela ‘de começar do começo’ – ele fala mais exatamente do “[...] prazer de se começar do começo (ou de novo) [*Lyst til at begynde forfra*] [...]”³³ –, isto compreendido como um incessante movimento que se crê capaz de fundamentar a si mesmo através da instituição de um início arbitrário, desligado de toda e qualquer tradição. Neste sentido, pois, suas ideias ficam mais claras quando ele fala de

[u]ma mais preocupante forma do mesmo equívoco, à qual originalmente almejávamos, [e que] se mostra [através] da tendência principal da época na política [*Tidsalderens Hovedretning i det Politiske*]. Equivocando-se a respeito do significado mais profundo de uma evolução histórica, prendendo-se,

²⁹ KIERKEGAARD, “Af en endnu levendes Papirer”, p. 17.

³⁰ KIERKEGAARD, “Af en endnu levendes Papirer”, p. 17.

³¹ Vale explicitar que tal elogio parece conter algo de dúbio, ou seja, algo de falso, pelo motivo mesmo de ser considerado como um dos fenômenos pertencentes à dinâmica maior denominada de ‘mais novo desenvolvimento’, a qual, por sua vez, é impiedosamente atacada por Kierkegaard ao longo de sua recensão. Já Jon Stewart vê nesta mesma passagem um bem-intencionado elogio que tinha como fim agradar o editor da revista na qual tal resenha deveria ser publicada, isto é, J.L.Heiberg e sua revista *Persens*, onde, não obstante, o ensaio de Kierkegaard acabou não sendo publicado. STEWART, *Kierkegaard's relations to Hegel reconsidered*, p. 121.

³² KIERKEGAARD, “Af en endnu levendes Papirer”, p. 17.

³³ KIERKEGAARD, “Af en endnu levendes Papirer”, p. 18.

significativamente, como se estivesse em uma luta por sua existência, à expressão ‘o mundo sempre fica mais inteligente’, compreendida, vale notar, como sendo favorável a este momento, não obstante suas conseqüências parodísticas, aparecendo tanto como arrogância juvenil [...], quanto como falta de paciência [...], sob ambas estas formas esta tendência se coloca como culpada em relação a um atentado [*Attentat*] frente [a uma] dada realidade [*Virkelighed*]; sendo sua expressão: esqueça o real [*glem det Virkelige*] [...].³⁴

Ora, por mais que a formulação das ideias seja tortuosa, fica claro que o ponto de vista esposado por Kierkegaard é semelhante ao de Edmund Burke (1729-1797), no sentido de ambos criticarem a atitude impetuosa típica dos filósofos da modernidade, aquela que sempre vê em uma dada realidade o ponto de partida para uma nova e radical reescritura da história, isto é, para um novo recomeço *ab ovo*,³⁵ atitude esta que Kierkegaard, na passagem citada, grifa através da expressão ‘esqueça o real’. Contrário, pois, aos impulsos psicológicos primeiros que funcionariam como causa desse tipo de atitude, a saber, tanto a arrogância juvenil, quanto a falta de paciência, Kierkegaard dá continuidade à sua crítica ao estabelecer uma analogia entre “[...] as grandiosas formações estatais que através de centenas de anos não se deixam ignorar [...] [e as] [...] florestas originais de outrora [...] [que então devem dar lugar ao] [...] arar da cultura na aurora do esclarecimento [*Culturens Plov i Oplysningens Morgenrode*] [...]”³⁶ passagem (ou *progresso*) que tem como finalidade fazer com que surja um terreno limpo no qual “[...] não possa haver o menor abrigo poético [...]”³⁷. Aqui, pois, Kierkegaard critica precisamente a tendência moderna, impulsionada pelo *esclarecimento*, de trocar a cultura ou, como Kierkegaard diz na passagem acima citada, a *poesia*, por uma visão de mundo desencantada na qual a política tem lugar privilegiado. Em outros termos, fica patente aqui a oposição entre, de um lado, poesia e cultura, ou ainda, para servir-me de um termo consagrado pelas escolas conservadoras ou aristocráticas presentes no contexto alemão, *Bildung*, e do outro, política, oposição esta geralmente denominada de romantismo apolítico, e que encontrava em Goethe um de seus maiores expoentes.

Pois não é por acaso que na mesma passagem anteriormente citada, mais exatamente no que Kierkegaard se referia ao ‘significado mais profundo de uma evolução histórica’, ele

³⁴ KIERKEGAARD, “Af en endnu levendes Papirer”, p. 18-19. Habermas, neste sentido, considera que “[...] a modernidade não pode e não quer continuar a ir colher em outras épocas os critérios para sua orientação, *ela tem de criar em si própria as normas por que se rege*. A modernidade vê-se remetida para si própria sem que a isso possa fugir [...]”. HABERMAS, *O discurso filosófico da modernidade*, p. 18.

³⁵ Ver BURKE, *Reflections on the revolution in France*, passim.

³⁶ KIERKEGAARD, “Af en endnu levendes Papirer”, p. 19-20.

³⁷ KIERKEGAARD, “Af en endnu levendes Papirer”, p. 19-20.

então puxa precisamente ali uma nota de rodapé na qual cita duas estrofes de Goethe, de acordo com as quais “[a] razão se torna absurdo, [a] beneficência [uma] calamidade/ Ai de ti por fazeres parte da posteridade [*Vernunft wird Unsinn, Wohlthat Plage/ Weh Dir, daß Du ein Enkel bist.*]”;³⁸ acrescentando a isso, isto ainda na mesma passagem, isto quando Kierkegaard fala das ‘conseqüências parodísticas’ de uma tal visão de mundo, uma segunda nota de rodapé, na qual ele se serve de duas estrofes cujo autor não foi identificado, as quais, por sua vez, remetem mais do que diretamente à expressão de Bernard de Chartres,³⁹ aquela que antecipava a querela dos antigos e dos modernos;⁴⁰ não obstante, Kierkegaard introduz ali uma diferença capital em relação à sentença de Bernard de Chartres, dado que ele reconhece que “[n]ós sobre os ombros dos antepassados nos colocamos/ Parecendo tão grandes – mas tão pequenos...”;⁴¹ o que faz assim com que sua posição seja na interminável querela dos antigos e dos modernos, seja nas ‘guerras culturais’ do século XIX, fique bastante clara, sendo ele, portanto, neste momento, um partidário pessimista, já que anti-progressista, dos antigos, ou, para ater-me aos conceitos da obra aqui analisada, da *velha geração*, sem mais nem menos.

De maneira que após desenvolver tal introdução mais geral, Kierkegaard se dispõe a analisar rapidamente a recente literatura romanesco-novelística produzida no contexto dinamarquês, levando-a em consideração precisamente em face de tal tendência mais profunda presente nesse mesmo contexto, o que faz então com que ele reconheça de partida na obra de título *Uma história do dia-a-dia* [*En Hverdags-Historie*], da então anônima, assim como experimentada⁴² autora Thomasine Gyllembourg, um marco em termos da mais recente produção literária nesse mesmo contexto, dado que nesta obra, diferentemente da generalizada *desconfiança* em relação à vida que caracterizaria a tendência mais profunda da época,⁴³ Kierkegaard vê especificamente a “[...] alegria diante da vida [...]”, isto é, a confirmação de que “[...] a fonte da poesia da vida [*Livspoesiens Kilde*] não secou [...]”;⁴⁴ em suma, Kierkegaard

³⁸ GOETHE apud KIERKEGAARD, “Af en endnu levendes Papirer”, p. 19. Nota 1.

³⁹ “Somos anões carregados nos ombros de gigantes. Assim vemos mais, e vemos mais longe do que eles, não porque nossa visão seja mais aguda ou nossa estatura mais elevada, mas porque eles nos carregam no alto e nos levantam acima de sua altura gigantesca...”. BERNARD DE CHARTRES apud LE GOFF, *Os intelectuais na Idade Média*, p. 36.

⁴⁰ Cf. LE GOFF, *Os intelectuais na Idade Média*, p. 34-37.

⁴¹ KIERKEGAARD, “Af en endnu levendes Papirer”, p. 19. Nota 2.

⁴² Pois como diz um estudioso deste período da produção de Kierkegaard, “[e]le [Kierkegaard] corretamente percebera que ambos estes autores [Gyllembourg e o também citado na resenha Blicher] começaram a escrever tarde na vida e que ambos [...] impregnavam seus romances com uma visão de vida a partir da qual a geração mais nova, completamente entregue à política e ao hegelianismo, poderia aprender algo”. FENGER, *Kierkegaard, the myths and their origins*, p. 129.

⁴³ KIERKEGAARD, “Af en endnu levendes Papirer”, p. 20.

⁴⁴ KIERKEGAARD, “Af en endnu levendes Papirer”, p. 21.

reconhece nessa obra a noção mais fundamental de que ali estaria colocada a “[...] congruência comprovada entre as exigências e as anunciações da juventude com as prestações da vida [...]”.⁴⁵ Em outros termos, Kierkegaard vê nesta obra, oferecida como parâmetro para a posterior produção literária, aquele *toque evangelístico* [*evangelistiske Anstrøg*] necessário para a constituição de todo e qualquer *estudo edificante* [*opbyggende Studium*],⁴⁶ o que significa, pois, que sua noção de literatura é pensada, de antemão, como uma perpassada por noções ou por valores ético-religiosos, no que uma vez mais se confirma sua adesão ao romantismo apolítico de orientação goetheana, de acordo com o qual a literatura seria o meio ideal de conservação e de transmissão de valores teológicos no contexto dessacralizado do século XIX.⁴⁷

Como visto, Kierkegaard faz em sua resenha, em termos literários, o elogio da geração mais velha [*den ældre Generation*], dado que esta não ter-se-ia deixado atrair pelo canto mágico da política, ou melhor, como ele mesmo diz, pela ‘prosa estudantil da política’,⁴⁸ ficando, conseqüentemente, com o paradigma anterior da *Bildung* como meta da existência humana, o que faz, pois, com que o desejo de Kierkegaard não seja outro senão o de que *a mais jovem geração* tome parte no brinde segundo o qual “[v]iva o gênio, a beleza, a arte e toda esta maravilhosa Terra! Viva o que amamos e o que temos amado! Que viva aqui ou no outro mundo [*her eller hisse*] uma vida transfigurada como ela vive em nossas lembranças”.⁴⁹

Logo, Kierkegaard se mostra desde o início de sua resenha favorável à geração mais velha pelo motivo de que esta ainda teria olhos para o que ele denomina de *visão de vida* [*Livs-Anskuelse*], ou seja, para a noção mais profunda de que deve haver um fundamento para a existência que funcionaria como a condição *sine qua non* para a formação individual ético-espiritualmente constituída.⁵⁰ Na falta desta, pois, Kierkegaard vê o perigo da assunção de um outro paradigma de formação subjetiva, associado ao mundo da política e no qual os indivíduos a surgir mostrar-se-iam ou como *pessoas achatadas* [*fladtrykte Personer*], ou como *rostos cosmopolitas* [*Cosmopolit-Gesichter*],⁵¹ ou seja, nos dois casos como indivíduos massificados e, neste sentido, desprovidos de *caráter* próprio.

Em outros termos, Kierkegaard visa em sua resenha a formação subjetiva de fundo *aristocrático*, em contraposição a outro tipo de formação, o qual poderia ser descrito, conseqüentemente, por mais que ele mesmo não o faça, como *democrático*. Daí, pois, a

⁴⁵ KIERKEGAARD, “Af en endnu levendes Papirer”, p. 21.

⁴⁶ KIERKEGAARD, “Af en endnu levendes Papirer”, p. 21.

⁴⁷ Cf. o famoso livro VI, intitulado ‘Confissões de uma bela alma’. GOETHE, “Confissões de uma bela alma”, pp. 347-404.

⁴⁸ KIERKEGAARD, “Af en endnu levendes Papirer”, p. 23.

⁴⁹ KIERKEGAARD, “Af en endnu levendes Papirer”, p. 22.

⁵⁰ Cf. KIERKEGAARD, “Af en endnu levendes Papirer”, pp. 22-23.

⁵¹ KIERKEGAARD, “Af en endnu levendes Papirer”, p. 23.

consideração primeira acerca de Andersen na resenha, segundo a qual ele seria uma “[...] possibilidade de *personalidade* [...]”,⁵² dado que enquanto poeta, isto é, enquanto criador, Andersen teria ‘pulado’, por assim dizer, sua fase de desenvolvimento denominada de ‘épica’, a qual, de acordo com o esquema hegeliano-heibergiano de maturação artística, estaria ligado à contemplação necessária para a produção de verdadeiras obras de arte.⁵³ Pois precisamente neste sentido, Andersen é visto por Kierkegaard como um típico *produto* de sua época, posto que sua *formação* seria caracterizada por se dar no período propriamente dito *político*;⁵⁴ não obstante, pelo fato de não se ter deixado impregnar por completo por este último, a “[...] auto-perdição lírica de Andersen [...]”,⁵⁵ através da qual Kierkegaard critica sua superabundância poética, no final das contas, acaba por ser mais feliz do que a “[...] auto-obsessão político-épica dos modernos”.⁵⁶

Tudo isto para dizer que a discussão desenvolvida por Kierkegaard em sua resenha passa em boa medida pelo seguinte problema, de ordem, aliás, fundamentalmente pedagógica: como desenvolver, ou melhor, como *fundar poeticamente a personalidade* em um período eminentemente prosaico, materialista, pragmático e, sobretudo, *político*? Ou como o próprio Kierkegaard coloca a questão:

[...] o que, de fato, haveria para a poesia fazer em um tempo no qual os mais jovens [*den Yngre*], os quais se esforçam por algo superior, devem sentir no âmbito espiritual os mesmos sintomas que [sentiram] os franceses em sua marcha através das estepes russas, onde o olho em vão busca um ponto onde possa descansar; quando os homens mais velhos [*de ældre Mænd*], os quais ainda sabem o que querem, devem com dores ver os indivíduos [*Individerne*] se esmigalharem [*smuldre*] entre os dedos como areia seca? [o que, de fato, haveria para a poesia fazer] Em nosso tempo no qual experimentamos as mais ridículas combinações de indivíduos chacoalhados [*sammenrystede*

⁵² KIERKEGAARD, “Af en endnu levendes Papirer”, p. 26.

⁵³ KIERKEGAARD, “Af en endnu levendes Papirer”, p. 26-27. Sobre tal esquema de desenvolvimento da subjetividade artística, ver PATTISON, “Art in an age of reflection”, p. 76-100.

⁵⁴ KIERKEGAARD, “Af en endnu levendes Papirer”, p. 27. Kierkegaard caracteriza mais especificamente ‘o assim chamado período político’ através das seguintes palavras: “Ele é um período de fermentação [*en Gjarings-Periode*], dizem os políticos; não obstante, ele não é nenhum período de ação [*Gjernings-Periode*]; ele é um período de transição – certamente! de qualquer modo as formações graníticas já se foram há muito, as formações de rocha sedimentária se acabaram e, de acordo com as aparências, nos perdemos há uma boa hora na formação de turfa” (KIERKEGAARD, “Af en endnu levendes Papirer”, p. 27). Uma vez mais, pois, a filosofia da história pressuposta por Kierkegaard tem como sentido a *decadência*.

⁵⁵ KIERKEGAARD, “Af en endnu levendes Papirer”, p. 26.

⁵⁶ KIERKEGAARD, “Af en endnu levendes Papirer”, p. 26.

Individer] tal qual cacos de vidro em um caleidoscópio; [o que haveria para a poesia fazer] em nosso tempo, cujo princípio (sit venia verbo) não é senão o da profundidade e da interioridade do protestantismo agora reduzidos in absurdum como visão de vida [*Livs-Anskuelse*] zum Gebrauch für Jedermann [para o uso de qualquer um] [?].⁵⁷

Como visto, toma corpo aqui uma tensão que viria a atravessar toda a produção de Kierkegaard, a saber, aquela entre um individualismo limitado, fundamentado em algo superior, impulsionado, por sua vez, precisamente pelo protestantismo, no qual, aliás, Kierkegaard não havia apenas sido *formado* desde criança, mas que ele levaria de fato para o seu título precisamente na qualidade de teólogo luterano, e uma outra acepção de individualismo, propriamente dito desmesurado, sobre-humano, *niilista*, o qual Kierkegaard reconhece nesta passagem como tendo surgido exatamente do mesmo protestantismo que ele mesmo confessava. Em outros termos, Kierkegaard busca já aqui um meio-termo entre a liberdade e a necessidade absolutas, ou seja, aquele ponto de Arquimedes vale dizer, aquele ponto de equilíbrio onde os olhos e, sobretudo a alma, pudessem encontrar *repouso*.

Neste sentido, tal ponto de equilíbrio – e vale precisar que a resenha de Kierkegaard é permeada por metáforas oriundas do mundo físico, as quais pressupõem precisamente o correto *centramento* da existência – almejado por Kierkegaard funcionaria precisamente como um *fundamento*, palavra esta que dá o verdadeiro tom à sua resenha, dado que o problema por trás da mesma não é outro senão o da relatividade extrema, ou seja, o do *niilismo*. E mesmo que Kierkegaard não tenha utilizado tal conceito em sua resenha ou mesmo em qualquer outra obra sua publicada, é indubitável que ele conhecia tal termo, visto que seu mentor Poul Martin Møller já fazia uso público do mesmo. De fato, este, antes mesmo da publicação do romance de Andersen, já apontava, a partir do exemplo de Goethe, o qual se referira ao romance de Victor Hugo *Nossa senhora de Paris* [*Notre-Dame de Paris*] como ‘literatura do desespero’,⁵⁸ o surgimento de “[...] uma classe de escritores que se entregaram à poesia do desespero e do niilismo [*Fortvivlelser og Nihilismens Poesie*] [...]”.⁵⁹ De fato, vale agora ser investigada algo mais pormenorizadamente a abordagem mølleriana desse conceito, o qual explicita como nenhum outro a verdadeira alçada da resenha de Kierkegaard.

⁵⁷ KIERKEGAARD, “Af en endnu levendes Papirer”, p. 28.

⁵⁸ HOFFMEISTER, “Reception in Germany and abroad”, p. 239.

⁵⁹ MØLLER apud FENVES, *Chatter: language and history in Kierkegaard*, p. 37.

III. P. M. Møller, o conceito de niilismo e sua assimilação posterior na obra de Kierkegaard

O fato é que Møller (1794-1838), como um excepcional conhecedor dos últimos desenvolvimentos literários em escala européia, via o surgimento de tal fenômeno a partir das vanguardas literárias surgidas nos contextos francês e alemão, no que ele, Møller, para além de alertar seus concidadãos para o potencial surgimento da total relatividade de valores,⁶⁰ e mesmo de ter como clara a ligação entre os movimentos literários da ‘jovem-França’ e da ‘jovem Alemanha’, mais especificamente já utilizava a palavra *Niilismo* para descrever tal fenômeno, isto tanto ao discutir o romance de Schlegel *Lucinde* – o mesmo, aliás, que Kierkegaard iria discutir em sua dissertação de 1841 –, no que ele, Møller, acreditava que a dinâmica presente em *Lucinde* deveria “[...] acabar no esvaziamento de todo conteúdo, [os seja,] em um niilismo moral [...]”,⁶¹ quanto ao discorrer em uma recensão publicada em 1836 sobre a então inominada autora Thomasine Gyllembourg, a mesma que Kierkegaard escolheria como contraposição a Andersen cerca de dois anos mais tarde. Pois nesta recensão encontramos as seguintes palavras:

[s]ob as diversas contradições na selvagem literatura de [ambas] a jovem Alemanha e a jovem França, a mais notável é a seguinte, que se busca unir às vezes as duas partes em conflito, [a saber] uma indiferença moral esclarecida e um entusiasmado interesse no renascimento político do tempo. [...] Esta discórdia interna é também muito propagada por mais de um poeta francês, os quais ao mesmo tempo, por um lado, confessam [tanto] o mais profundo desprezo pela humanidade [quanto] um asco por todos os objetivos da vida, e por outro, um entusiasmo por um progresso político, o qual, não obstante, de acordo com sua concepção de vida apenas levará a um novo nada.⁶²

Como visto, Kierkegaard, por sua vez, não faria senão estender as reflexões de seu mentor tanto em sua recensão literária acerca do romance de H.C. Andersen, quanto em sua dissertação de 1841 sobre a ironia, na qual, a propósito, Kierkegaard não apenas viria a apoiar

⁶⁰ Com efeito, Nietzsche colocar-se-ia a seguinte questão no outono de 1887: “[N]iilismo: falta a meta; falta a resposta à pergunta ‘Por quê?’ [...] o que significa Niilismo? – que os valores superiores se desvalorizam” (NIETZSCHE, “Nachlaß 1885-1887”, p. 350).

⁶¹ MØLLER apud NORDENTOFT, >>Hvad siger Brand-Majoren?<<. *Kierkegaards Opgør med sin Samtid*, p. 27. Nota 1.

⁶² MØLLER apud MYLIUS, “Offenbare und unsichtbare Schrift in Sören Kierkegaards Aus eines noch Lebenden Papieren”, p. 36.

sua leitura acerca de *Lucinde* a partir de uma obra do teólogo alemão Johan Eduard Erdmann publicada em 1837, senão que citá-la-ia exatamente a partir de um capítulo que trazia como título precisamente ‘O Niilismo e a ironia religiosa’.⁶³ Em outros termos, pode-se seguramente afirmar que Kierkegaard conhecia o conceito de *niilismo*, ainda que não o tenha utilizado, por algum motivo, em seus escritos públicos.⁶⁴

Mas para voltar a Møller, ele também já antecipava uma das premissas mais básicas da resenha posterior de seu pupilo, a saber, aquela segundo a qual “[...] o verdadeiro poeta deve antes e acima de todo ser uma pessoa verdadeira [...]”,⁶⁵ o que implica limitar a criação artística dentro de limites *éticos*, senão espirituais, para não dizer *teológicos*, os quais, conseqüentemente, não deveriam ser ultrapassados. Em outras palavras, encontra-se aqui uma noção claramente, senão *classicamente* hierárquica de literatura; daí, pois, que Kierkegaard utilize em sua recensão expressões como *o verdadeiro poeta [den Sande Digter]*,⁶⁶ ou que ele, em determinado momento de sua discussão, recorra a uma sentença, nos dois sentidos da palavra, dos latinos, segundo a qual é necessário *revocare ad leges artis*,⁶⁷ quer dizer, que seria necessário para o verdadeiro poeta conformar-se às leis da arte. Assim, a criação artística é concebida por Kierkegaard sob certas leis, as quais, em última instância, manteriam uma certa ordem *cósmica*, a qual serviria de garantia para a confecção da *verdadeira* – e, conseqüentemente, *bela e boa* – obra de arte.

Neste sentido, a *verdadeira* obra de arte dissociar-se-ia da falsa por ter como fundamentação precisamente a tal *visão de vida* anteriormente aludida, a qual é descrita por Kierkegaard como sendo

[...] propriamente a providência [*Forsynet*] em um romance, a qual é sua mais profunda unidade, a qual faz com que este tenha seu centro de gravidade em si mesmo; a qual o liberta de ser arbitrário ou sem propósito, já que o propósito [deve] est[ar colocado] de forma imanente através da obra de arte.⁶⁸

Assim, a obra de arte é compreendida por Kierkegaard como um produto de uma personalidade bem fundada, dado que, de acordo com sua principal definição de *visão de vida*,

⁶³ KIERKEGAARD, “Af en endnu levendes Papirer”, p. 324; Cf. também KIERKEGAARD, “Journal DD”, p. 248.

⁶⁴ Vergote, com efeito, reconhece que “[s]e Kierkegaard não fala de niilismo para designar o ‘mal do século’, é porque ele prefere um outro termo, [...] um nome mais comum: [...] o desespero”. VERGOTE, *Sens et répétition: essai sur l’ironie kierkegaardienne*, t. 1, p. 233.

⁶⁵ MØLLER apud MYLIUS, “Offenbare und unsichtbare Schrift in Sören Kierkegaards Aus eines noch Lebenden Papieren”, p. 35.

⁶⁶ KIERKEGAARD, “Af en endnu levendes Papirer”, p. 30.

⁶⁷ KIERKEGAARD, “Af en endnu levendes Papirer”, p. 31-32.

⁶⁸ KIERKEGAARD, “Af en endnu levendes Papirer”, p. 36.

[u]ma visão de vida é, a saber, mais do que a quintessência ou a soma de teses mantidas em sua neutralidade abstrata; ela é mais do que a experiência, a qual enquanto tal é sempre atomística, ela é especificamente a transubstanciação da experiência, ela é uma inquebrantável confiança [*Sikkerhed*] em si mesmo ganha de todas experiências [*Empirie*] [...].⁶⁹

Mais do que isso, uma *visão de vida* é, de acordo com Kierkegaard, uma espécie de *revelação*, dado que, como ele mesmo coloca a questão,

[s]e nos perguntarmos como uma tal visão de vida ocorre, então responde[re]mos que para aquele que não deixa sua vida malograr [*at fulte ud*] muito, mas que na medida do possível busca levar essas observações novamente de volta para si, deve então necessariamente ocorrer um momento [*Oieblik*] no qual irrompe uma estranha luz sobre a vida, sem que, contudo, se tenha a necessidade mais distante de se ter compreendido todas as suas partes [*Enkeltheder*] possíveis, [e] para cuja compreensão sucessiva agora se tem a chave, [pois] deve, [como] digo, ocorrer um momento no qual, como Daub o aponta, a vida é compreendida de trás [*baglænds*] através da ideia.⁷⁰

Em outros termos, a *visão de vida* exigida por Kierkegaard para a confecção da verdadeira obra de arte pressupõe a correta ou apropriada relação reflexiva para consigo mesmo na qual o eu [*selv*], para retomar a célebre formulação presente em *Doença para a morte*, ‘se relaciona consigo mesmo’.⁷¹ De maneira que colocar-se como um ser humano em meio à existência implica precisamente para Kierkegaard um movimento circular – e logo na mesma seqüência citada acima ele de fato comenta que “[...] a existência [...] é sempre um círculo [...]”⁷² – a partir do qual as experiências são assimiladas e, conseqüentemente, ‘expelidas’ ou, no caso, transformadas em arte, o que implica um enriquecimento da vida, uma vez que teoricamente tais experiências teriam passado pelo ‘filtro da subjetividade’, o que faz, pois, com que uma obra de arte sem uma tal *visão de vida* como pressuposto não seja considerada por Kierkegaard como sendo uma obra de arte enquanto tal, e sim um produto mal-sucedido, ex-cêntrico, torto, já que de acordo com tal concepção, “[...] o poeta deve antes e acima de tudo conquistar para si uma personalidade [*Personlighed*] competente, sendo apenas esta morta

⁶⁹ KIERKEGAARD, “Af en endnu levendes Papirer”, p. 32.

⁷⁰ KIERKEGAARD, “Af en endnu levendes Papirer”, p. 33.

⁷¹ KIERKEGAARD, “Sygdommen til Døden”, p. 129.

⁷² KIERKEGAARD, “Af en endnu levendes Papirer”, p. 34.

e transfigurada personalidade [aquela] que deva e possa produzir, e não [aquela] variegada, mundana, palpável”.⁷³

Conquistar uma ‘visão de vida’ implica, pois, *morrer para o mundo*, o que significa que Kierkegaard a concebe como uma forma de ascese, ou seja, de transformação espiritual. Andersen, neste sentido, não é considerado por Kierkegaard como um *verdadeiro* escritor, posto que para ele Andersen, pelo contrário, seria marcado por uma *equivocada* relação para consigo mesmo [*bans Misforhold til sig selv*]⁷⁴ cuja causa seria sua “[...] visão mais fundamental [*Grund-Anskuelse*]: descontentamento com o mundo [...]”.⁷⁵ Assim, Andersen, por causa de sua *negatividade*, isto é, por causa de “[...] sua descrença no mundo [...]”,⁷⁶ não teria sido bem-sucedido na tarefa de cristalizar-se em uma personalidade verdadeiramente artística, ou seja, em um tipo de personalidade que teria como característica precisamente colocar-se *sobre* as vicissitudes do mundo. Na ausência de uma tal atitude, seus personagens, e aqui ele tem precisamente em vista o ‘tocador’ Christian, “[...] não chegam a nada no mundo [...]”.⁷⁷ Com efeito, Christian, o personagem central de *Apenas um tocador*, representa para Kierkegaard mais exatamente “[...] um desconhecimento do poder do gênio e de sua relação diante de situações desfavoráveis (pois o gênio não é um sujeitinho qualquer [*en Praas*] que se apaga com o vento, mas um incêndio que a tormenta apenas provoca) [...]”.⁷⁸

Não obstante, vale precisar que para além dos aspectos teológicos implícitos na resenha, as críticas de Kierkegaard podem também ser analisadas do ponto de vista sócio-político, dado que a concepção de gênio desenvolvida no romance de Andersen pressupõe a instituição do patronato como suporte para o desenvolvimento artístico, o que faz com que tal concepção possa ser caracterizada como *social*; Kierkegaard, por sua vez, ao combater tal tipo de compreensão, desenvolve, ainda que implicitamente, uma noção mais aristocrático-individualista do mesmo processo, no que ele assim aproximar-se-ia de um ponto de vista que poderia ser descrito como *aristocrático-liberal*. Não por acaso, a certa altura da resenha surge um conceito que ajuda a esclarecer a alçada da discussão, a saber, o conceito de *determinação da vontade* [*Villiesbestemmelse* ou *Villies-Determination*],⁷⁹ o qual, representando por vezes o também presente conceito de *energia*,⁸⁰ se coloca como antítese ao conjunto conceitual contrário, imputado por Kierkegaard a Andersen, denominado ora de *passividade original*, ora de *teoria da*

⁷³ KIERKEGAARD, “Af en endnu levendes Papirer”, p. 37.

⁷⁴ KIERKEGAARD, “Af en endnu levendes Papirer”, pp. 44-45.

⁷⁵ KIERKEGAARD, “Af en endnu levendes Papirer”, p. 45.

⁷⁶ KIERKEGAARD, “Af en endnu levendes Papirer”, p. 43.

⁷⁷ KIERKEGAARD, “Af en endnu levendes Papirer”, p. 43.

⁷⁸ KIERKEGAARD, “Af en endnu levendes Papirer”, p. 43.

⁷⁹ KIERKEGAARD, “Af en endnu levendes Papirer”, pp. 37-38.

⁸⁰ KIERKEGAARD, “Af en endnu levendes Papirer”, pp. 17, 27.

perda, ou ainda como *atividade mal-sucedida*, conjunto este que é reconhecido por Kierkegaard como fazendo parte do ânimo mais fundamental de Andersen.⁸¹

Em suma, Andersen é duramente criticado por Kierkegaard por ter, enquanto romancista, incorrido no equívoco de deslocar o que ele denomina de *espírito imortal* [*Udodelig Aand*], o qual seria incumbido não apenas de dar o equilíbrio necessário à verdadeira obra de arte, senão de lhe dar seu caráter mais próprio, a saber, sua transcendência ou, como expresso acima, sua *imortalidade*.⁸² No que Andersen, pois, negaria, ainda que indiretamente, a transcendência, sua atitude teria, de acordo com Kierkegaard, semelhanças com o espírito mais profundo a animar o discurso filosófico dos modernos. De forma que se pode resumir a discussão presente em sua recensão de 1838 através da tese de que Kierkegaard, em seu primeiro livro, busca, como ele mesmo sofisticadamente diz, “[...] desinteressado por uma mais específica visão de vida [*Livs-Anskuelse*], simplesmente combater este ponto de vista negativo, assim como seu direito de passar a si mesmo como uma visão de vida [...]”,⁸³ concepção esta que vem também traduzida em termos filosóficos quando ele diz que o “[...] ceticismo enquanto tal não é uma teoria do conhecimento [...]”.⁸⁴ Logo, pode-se dizer que o problema mais fundamental em seu primeiro livro gira em torno do surgimento do fenômeno do *niilismo* tal qual representado pelos experimentos, fossem eles literários ou filosóficos, da mais nova geração, ideia esta que vem expressa na resenha sob o conceito de *negação*, termo este que, não por acaso, se faz presente desde a primeira página de sua recensão⁸⁵ e que teria sua problematização aprofundada em suas obras posteriores, o que faz com que Kierkegaard seja um nome incontornável no que diz respeito à reflexão sobre esse problema.

KIERKEGAARD, H.C.ANDERSEN AND THE ARRIVAL OF NIHILISM IN GOLDEN AGE DENMARK

Abstract: Søren Kierkegaard's (1813-1855) works have as their starting point, aside from a couple of newspaper articles published around the middle of the decade of the 1830s, a literary review of a novel written by a contemporary of his who was to achieve international fame still in life, viz. the writer Hans Christian Andersen (1805-1875). Notwithstanding, I argue that what was meant to be a literary review hides a vigorous anticipation of a problem that was meant to interest Kierkegaard throughout his entire production, that is, the problem of nihilism. In this sense, the present article is based on a reading of both Andersen's novel as well as Kierkegaard's review, which leads me to explore the more profound connotations of Kierkegaard's critique of the former also in terms of the context these works were

⁸¹ KIERKEGAARD, “Af en endnu levendes Papirer”, p. 36.

⁸² KIERKEGAARD, “Af en endnu levendes Papirer”, p. 38.

⁸³ KIERKEGAARD, “Af en endnu levendes Papirer”, p. 35. Nota 1.

⁸⁴ KIERKEGAARD, “Af en endnu levendes Papirer”, p. 35.

⁸⁵ KIERKEGAARD, “Af en endnu levendes Papirer”, p. 17.

produced. In sum, my argument is that both Andersen and Kierkegaard were dealing with the first signs of the arrival of nihilism in Denmark.

Key-words: nihilism – youth – modernity.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDERSEN, Hans Christian. Biographie (1805-1831). In: ANDERSEN, Hans Christian. *Œuvres II*. Textes traduits, présentés et annotés par R. Boyer. Paris: Gallimard, 1995. p. 1-131. (Bibliothèque de la Pléiade).

_____. Rien qu'un violoneux. In: ANDERSEN, Hans Christian. *Œuvres II*. Textes traduits, présentés et annotés par R. Boyer. Paris: Gallimard, 1995. p. 447-724. (Bibliothèque de la Pléiade).

BARBÉRIS, Pierre. *Balzac, une mythologie réaliste*. Paris: Larousse, 1971.

BAUDELAIRE, Charles. Les fleurs du mal. In: BAUDELAIRE, Charles. *Œuvres complètes I*. Texte établi, présenté et annoté par C. Pichois. Paris: Gallimard, 1975. p. 3-134. (Bibliothèque de la Pléiade).

BÉNICHOU, Paul. *Romantismes français*. Paris: Gallimard, 1996. 2 v.

BOURDIEU, Pierre. *Les règles de l'art: genèse et structure du champ littéraire*. Paris: Seuil, 1992.

BURKE, Edmund. *Reflections on the revolution in France*. Ed. by J.C.D Clark. Stanford, CA: Stanford University Press, 2001.

ERKKILA, Betsy. *Whitman the Political Poet*. New York: Oxford University Press, 1989.

FENGER, Henning. *Kierkegaard, the myths and their origins*. Trad. G.C. Schoolfield. New Haven: Yale University Press, 1980.

FENVES, Peter. *Chatter: language and history in Kierkegaard*. Stanford, CA: Stanford University Press, 1993.

GARFF, Joakim. *Søren Kierkegaard: a biography*. Translated by B. Kirmmse. Princeton: Princeton University Press, 2005.

GILLESPIE, Michael Allen. *Nililism before Nietzsche*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

GOETHE, Johann W. von. Confissões de uma bela alma. In: GOETHE, Johann W. von. *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister*. Trad. N.S. Neto. São Paulo: Ed. 34. p. 347-404.

HABERMAS, Jürgen. *O discurso filosófico da modernidade*. Trad. A.M. Bernardo et al. Lisboa: Dom Quixote, 1990.

HERMAND, Jost. Nachwort. In: HERMAND, Jost (Hrsg.). *Das Junge Deutschland: Texte und Documente*. Stuttgart: Phillip Reclam, 1966. p. 369-391.

HOFFMEISTER, Gerhart. Reception in Germany and abroad. In: SHARPE, Lesley (Ed.). *The Cambridge companion to Goethe*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002. p. 233-255.

KIERKEGAARD, Søren. Af en endnu levendes Papirer. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads Forlag, 1997. bd. 1, p. 9-57.

_____. Journal DD. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads Forlag, 2000. bd. 17. p. 213-297.

_____. Sygdommen til Døden. In: KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Udgivet af Søren Kierkegaard Forskningscenteret. København: Gads Forlag, 2006. bd. 11. p. 115-242.

KOSELLECK, Reinhart. Modernidade: sobre a semântica dos conceitos de movimento na modernidade. In: KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Trad. Wilma Patrícia Maas e Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto; Ed. PUC-Rio, 2006. p. 267-303.

LE GOFF, Jacques. *Os intelectuais na Idade Média*. Trad. M. de Castro. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

MATTÉI, Jean-François. *Le Sens de la Démesure*. Éditions Sulliver, 2009.

MASSEY, Marilyn C. *Christ unmasked: the meaning of the life of Jesus in German politics*. Chapel Hill: University of North Caroline Press, 1983.

MYLIUS, Johan de. Offenbare und unsichtbare Schrift in Sören Kierkegaards Aus eines noch Lebenden Papieren. In: CAPPELØRN, Niels J.; DEUSER, H.; SÖDERQUIST, K. B. (Ed.). *Kierkegaard Studies Yearbook 2006*. Berlin: Walter de Gruyter, 2006. p. 22-37.

NIETZSCHE, Friedrich. Nachlaß 1885-1887. In: NIETZSCHE, Friedrich. *Kritische Studienausgabe*. Herausgegeben von G. Colli und M. Montinari. Berlin: DTV & de Gruyter, 1999. bd. 12.

NORDENTOFT, Kresten. >>Hvad siger Brand-Majoren?<<. *Kierkegaards Opør med sin Samtid*. København: G.E.C. Gad, 1973.

PATTISON, George. Art in an age of reflection. In: HANNAY, Alastair; MARINO, Gordon (Ed.). *The Cambridge companion to Kierkegaard*. Cambridge University Press, 2008. p. 76-100.

ROSSATTI, Gabriel Guedes. *O conceito de modernidade nos escritos primeiros de Kierkegaard: uma análise semântico-conceitual*. Tese (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas). Florianópolis, 2012, 205 pp. Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas – Universidade Federal de Santa Catarina.

STEWART, Jon. *Kierkegaard's relations to Hegel reconsidered*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

VERGOTE, Henri-Bernard. *Sens et répétition: essai sur l'ironie kierkegaardienne*. Paris: Cerf/Orante, 1982. t. 1.